

A INSERÇÃO DA PSICOLOGIA HOSPITALAR NO BRASIL E POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO

FERREIRA, Isabella Campos Soares.
MATIOLI, Aryane Leinne Oliveira.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um panorama histórico e teórico sobre a Psicologia Hospitalar no Brasil, desde sua origem até sua regulamentação como especialidade pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), por meio da Resolução nº 014/2000. Através de uma revisão bibliográfica, discute-se desde o período de inserção da profissão, até a atuação e atribuições na atualidade do psicólogo hospitalar. Destaca-se o papel fundamental desse profissional no acolhimento emocional de pacientes e familiares, bem como sua inserção em equipes multiprofissionais para promover um cuidado integral e humanizado. Conclui-se que a Psicologia Hospitalar é uma prática indispensável no contexto hospitalar, contribuindo significativamente para o enfrentamento do adoecimento e a ressignificação da experiência de internação.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Hospitalar, Atuação, Adoecimento.

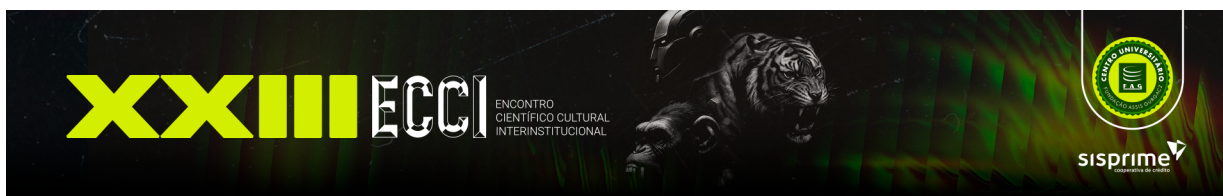
1. INTRODUÇÃO

A Psicologia Hospitalar é um campo de atuação que tem ganhado crescente espaço no cenário da saúde brasileira, à medida que se reconhece a importância da dimensão subjetiva no processo de adoecimento e recuperação dos pacientes. Através disso, este artigo busca esmiuçar acerca do processo de surgimento e regulamentação da psicologia hospitalar no Brasil pela resolução 014/2000 como especialidade reconhecida pelo CFP utilizando autores de referência neste âmbito, como Alfredo Simonetti (2004), Guerrelhas (2003), Gorayb (2003), entre outros. Outrossim, sobre o objetivo e formas de atuação profissional dentro deste contexto.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O início da psicologia hospitalar no Brasil

A presença da Psicologia nos hospitais brasileiros foi sendo construída aos poucos, acompanhando o próprio percurso histórico e social da profissão no país. Embora já se observassem



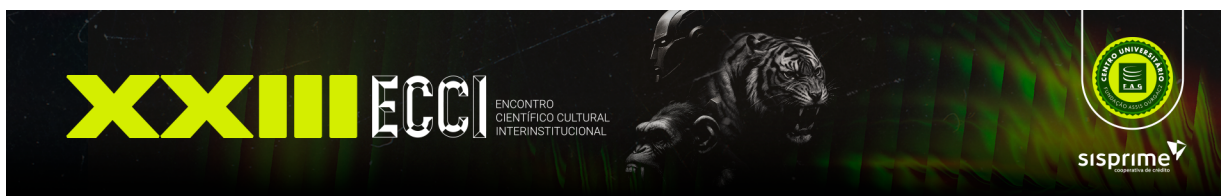
atividades de psicólogos em instituições hospitalares na década de 1950, foi apenas em 1962 que a profissão foi oficialmente regulamentada, com a promulgação da Lei nº 4.119, que reconheceu a Psicologia como uma profissão legalmente instituída no Brasil (GORAYEB e GUERRELHAS, 2003).

O início da Psicologia Hospitalar no país é atribuído ao trabalho da psicóloga Mathilde Neder, em 1954, no Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Neder passou a atuar nessa instituição a convite da equipa médica, com o objetivo de aumentar a adesão das crianças aos tratamentos ortopédicos. Seu trabalho consistia em realizar atendimentos psicológicos com crianças que seriam submetidas a cirurgias ortopédicas, além de prestar suporte emocional às suas famílias, tanto antes no pré operatório, quanto após os procedimentos cirúrgicos (DITTRICH e ZENDRON, 2001; SILVA, 2006). Essa atuação pioneira é considerada um marco na história da Psicologia Hospitalar no Brasil.

Com o tempo, a prática psicológica em hospitais foi se expandindo e ganhando novas formas. Com o intuito de assegurar a qualificação e padronização dos serviços prestados pelos psicólogos nesta área, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou a Resolução nº 014/2000, que define critérios específicos para a obtenção do título de especialista em Psicologia Hospitalar. De acordo com a Resolução CFP nº 013/2007, o psicólogo hospitalar é responsável por desenvolver atividades nos diferentes níveis do tratamento hospitalar, tendo como função central auxiliar os pacientes no enfrentamento do adoecimento, da hospitalização e das consequências emocionais que surgem nesse contexto.

2.1.1. Possibilidades de atuação

De acordo com Simonetti (2008, p. 15), a Psicologia Hospitalar pode ser compreendida como o “campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento”. Assim, o papel do psicólogo hospitalar não é voltado para a cura da doença propriamente dita, mas sim, para o apoio emocional ao paciente, auxiliando-o a elaborar e ressignificar sua experiência com a doença. O foco está no campo da linguagem, onde constroem os significados, narrativas pessoais e interpretações sobre o adoecer e o processo de hospitalização. Ao atribuir sentido à sua vivência, o paciente tende a lidar de maneira mais saudável com as limitações físicas e emocionais impostas pelo ambiente hospitalar. Nesse processo, o psicólogo busca resgatar a autonomia e a subjetividade do paciente frente ao adoecimento.



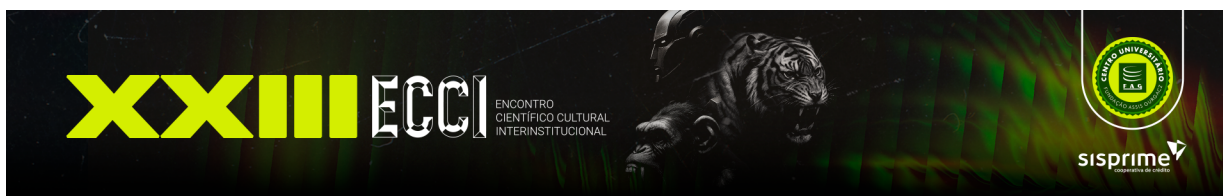
O atendimento psicológico em contexto hospitalar concentra-se, portanto, na forma como o paciente enfrenta a doença e a internação, além de oferecer acolhimento tanto a ele quanto à sua família. Nesse sentido, Amaral (2012) menciona que, os pacientes tendem a vivenciar a hospitalização de forma desadaptativa, e nesse sentido, o psicólogo deve atuar enxergando como um ser biopsicossocial, olhando para além de sua doença, para sua subjetividade.

Simonetti (2008) também propõe dois conceitos fundamentais que estruturam a atuação do psicólogo hospitalar: a “triade de ação” e a “triade de relação”. A primeira refere-se aos três elementos principais que norteiam o trabalho psicológico no hospital: a doença, a internação e o tratamento. Já a “triade de relação” diz respeito às interações entre o paciente, a família e a equipa de saúde, reforçando a importância dos vínculos estabelecidos nesse contexto para o cuidado integral.

Conforme apontam Almeida e Malagris (2011), a atuação do psicólogo no ambiente hospitalar não segue o formato tradicional do atendimento clínico, como ocorre no *setting* terapêutico convencional. No hospital, é o psicólogo quem vai até o paciente, e o local do atendimento, em geral, não oferece privacidade, sendo por vezes à beira leito, estando sujeito a interrupções frequentes por parte da equipa médica ou de enfermagem, que atua com base em rotinas com horários inflexíveis para medicações e procedimentos. Tais situações fogem ao seu controle, já que a prioridade é sempre garantir os cuidados médicos voltados para a saúde física do paciente.

Nesse contexto, é essencial que o psicólogo atue em conjunto com a equipe multiprofissional, formada por profissionais de diferentes áreas da saúde que acompanham o paciente de forma integrada. Essa convivência diária permite que a equipe observe possíveis alterações no comportamento do paciente, ou mesmo, alterações no humor decorrentes da internação, indicando, assim, a necessidade de acompanhamento psicológico (PEREIRA, 2003).

Dessa forma, a Psicologia Hospitalar é fundamental no contexto da saúde, ao reconhecer que o sofrimento do paciente vai além do físico e abrange dimensões emocionais, sociais e subjetivas. O trabalho do psicólogo, ao considerar as narrativas individuais e promover o acolhimento, contribui significativamente para a adaptação do paciente à realidade hospitalar. A atuação integrada à equipe de saúde possibilita uma intervenção humanizada, respeitando a singularidade de cada indivíduo e reforçando a importância de um cuidado considerando o aspecto psíquico.



3. METODOLOGIA

Esta pesquisa é caracterizada como um estudo bibliográfico, uma vez que sua elaboração repousa sobre uma compilação teórica derivada de recursos científicos pré existentes, como livros e artigos, sendo sua principal utilidade da pesquisa bibliográfica está em possibilitar ao pesquisador o acesso a uma variedade muito maior de fenômenos do que seria viável estudar diretamente (GIL, 2010).

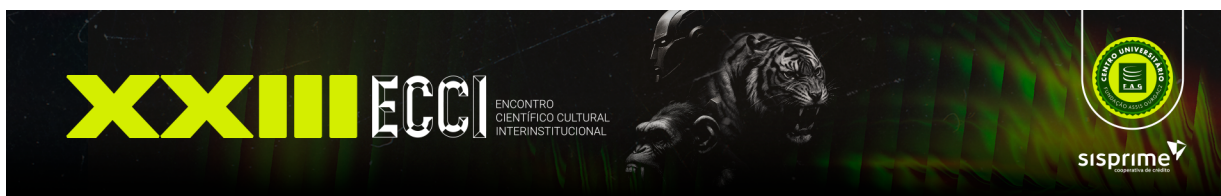
4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

A análise do percurso histórico da Psicologia Hospitalar no Brasil revela a construção gradual de um campo de saber e prática que, ao longo das décadas, consolidou-se como uma especialidade essencial no cuidado em saúde. A atuação pioneira de Mathilde Neder, ainda na década de 1950, marcou o início de um movimento que viria a transformar a percepção da psicologia nos ambientes hospitalares. Sua prática focada na adesão ao tratamento e no suporte emocional às crianças e suas famílias já apontava para a relevância da dimensão subjetiva no processo de cuidado, o que viria a se confirmar com a regulamentação formal da profissão e, posteriormente, da especialidade em Psicologia Hospitalar pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP).

Com base nos autores analisados, nota-se que a atuação do psicólogo hospitalar vai além do atendimento clínico tradicional, como destacam Simonetti (2008) e Almeida e Malagris (2011), o psicólogo precisa lidar com os desafios específicos do ambiente hospitalar, como, a falta de privacidade, interrupções, horários rígidos, sem comprometer o acolhimento e a escuta.

Um ponto de destaque é a importância do reconhecimento do paciente como ser biopsicossocial. Isso implica que o trabalho do psicólogo hospitalar não se limita à escuta do sofrimento, mas abrange a promoção da autonomia e da resiliência do paciente frente às adversidades do adoecimento. Conforme Amaral (2012) menciona, a hospitalização pode ser vivenciada de forma desadaptativa, e o psicólogo tem um papel fundamental na resignificação dessa experiência, ajudando o paciente a reconstruir narrativas que deem sentido à sua condição.

A atuação em equipe multiprofissional, conforme Pereira (2003), também aparece como um eixo central para o cuidado integral. A participação ativa e contínua dos profissionais da saúde



permite uma abordagem mais sensível às mudanças emocionais do paciente e reforça a importância da psicologia como parte do tratamento. Essa integração é um indicativo do avanço na compreensão de que o cuidado à saúde deve contemplar tanto o corpo quanto a subjetividade.

Diante disso, a Psicologia Hospitalar caracteriza-se como uma prática indispensável no contexto hospitalar na atualidade, contribuindo para uma abordagem humanizada e para a melhoria do período de internação e enfrentamento da do adoecimento dos pacientes. Os desafios estruturais ainda existentes reforçam a necessidade de uma formação específica e contínua para os psicólogos atuantes nessa área, bem como políticas públicas que fortaleçam o papel da saúde mental nas instituições hospitalares.

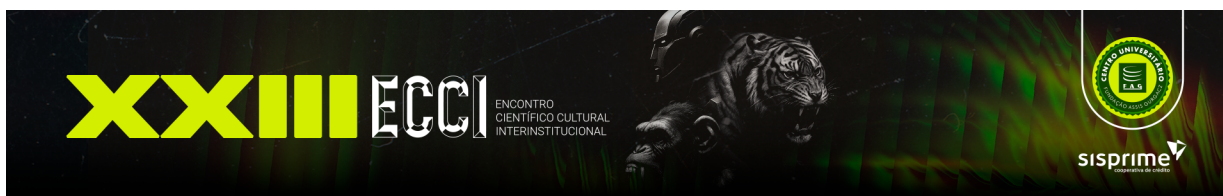
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu compreender o processo histórico de inserção da Psicologia no contexto hospitalar, identificando as especificidades e os procedimentos relacionados à atuação do psicólogo nesse ambiente. Para isso, foram apresentados inicialmente os aspectos históricos que envolvem a criação, funcionamento e desenvolvimento dos primeiros hospitais, bem como suas práticas de cuidado.

Portanto, conclui-se que a Psicologia Hospitalar, assume um papel indispensável dentro do contexto da saúde, ao possibilitar que o sofrimento psíquico do paciente seja reconhecido, escutado e ressignificado. Não somente, no atendimento individualizado ao próprio paciente, mas atuando como um mediador da relação paciente, família e equipe de saúde.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. DOS S.; GONÇALVES, C. H.; SERPA, M. G. Psicologia Comunitária e a Saúde Pública: relato de experiência da prática Psi em uma Unidade de Saúde da Família. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 2, p. 484–495, 2012.



AYRES, R.; EMMANOEL, L. A prática da psicologia da saúde. **Revista da SBPH**, v. 14, n. 2, p. 183–202, 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA et al. **Conselho federal de psicologia conselhos regionais de psicologia centro de referência técnica em psicologia e políticas públicas -**

CREPOP referências técnicas para a atuação de psicólogos(os) nos serviços hospitalares do SUS comissão de elaboração do documento. [s.l: s.n.]. Disponível em:
<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/11/ServHosp_web1.pdf>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Institui a Consolidação das Resoluções Relativas ao Título Profissional**, de E. em P.
e. D. S. N. e. P. P. S. R. ([s.d.]). RESOLUÇÃO CFP N.º 013/2007. Org.br. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf

DITTRICH, A. **Franco Seminério, Paulo Rosas, Mathilde Neder.** [s.l: s.n.].

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GORAYEB, R.; GUERRELHAS, F. Sistematização da prática psicológica em ambientes médicos. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 11–19, 2003. DOI: 10.31505/rbtcc.v5i1.87. Disponível em: <https://rbtcc.com.br/RBTCC/article/view/87>. Acesso em: 28 maio. 2025.

SIMONETTI, A. **Manual de psicologia hospitalar: o mapa da doença.** [s.l.] São Paulo Casa Do Psicólogo, 2008.